

## A História do “Joe”

A mãe do “Joe” foi assassinada quando ele andava ainda ao colo. Os criminosos raptaram-no e venderam-no clandestinamente a uma família estrangeira. O destino foi cruel para o “Joe”. Desde que cresceu um pouco mais e até à adolescência, foi mantido acorrentado num pequeno cubículo, com um cão por principal companhia.

O “Joe” foi libertado recentemente pelas autoridades após uma denúncia de particulares, e foi entregue a um centro de reabilitação especializado em casos difíceis como o dele. Tem idade mental equivalente à de uma criança de 6 anos. Não fala. Não sofre de doenças nem de debilidade física. A sua vivacidade, expressão de emoções e capacidade para aprender e relacionar-se com as pessoas não denotam debilidade mental.

## A História do “Joe” - 2

Discuta, de um ponto de vista ético, os seguintes destinos propostos para o “Joe”:

1. Deve ser eutanasiado, visto que dificilmente poderá ser recuperado para uma vida normal ou uma função útil, e as despesas com a sua manutenção são elevadas.
2. Deverá ser destinado a experiências médicas, visto que o benefício colectivo do conhecimento que pode ser obtido com ele compensa largamente algum sofrimento que lhe possa ser infligido.
3. Deverá ser esterilizado, visto não ser provável que possa vir a constituir família, mas deve ser reabilitado tanto quanto possível.
4. Deve ser recuperado e ensinado por especialistas, até ficar apto a uma vida normal e livre, de preferência no seu país e família de origem; se não puder viver autónomo, deverá ficar a cargo de instituição que lhe dê uma vida tão feliz quanto possível.

Porquê? Construa um argumento ético que sustente a sua resposta



Obtido em <http://www.safari-images.com/>, 18 Abril 2006, 10:43h

# ÉTICA ANIMAL - INTRODUÇÃO

30 DE ABRIL DE 2018

(18<sup>a</sup> aula)

## Sumário da Aula Anterior:

Problemas sociais, ambientais e sanitários discutidos no âmbito das objecções extrínsecas à agricultura transgénica. Questões éticas de carácter geral suscitadas por esta e outras novas tecnologias. Discussão de “A fome no Mundo – um Estudo de Caso”.

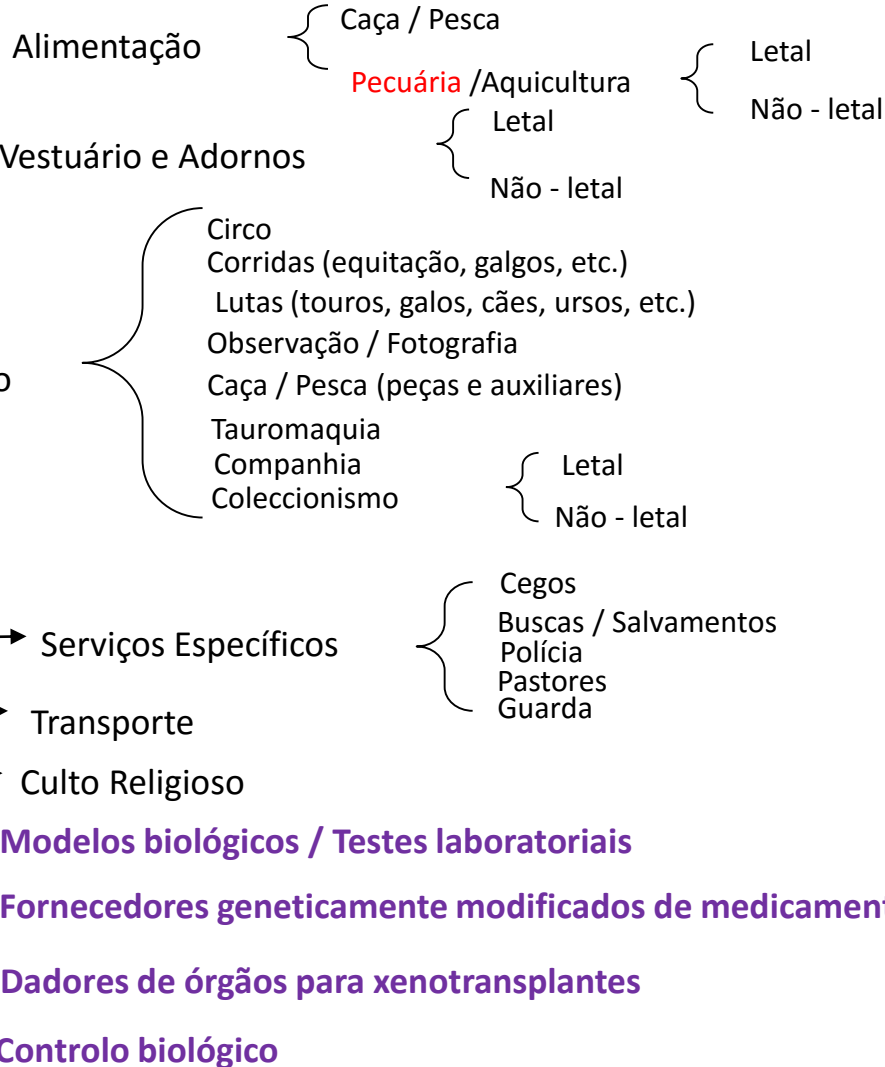
# Programa Para a Aula de Hoje:

Introdução à ética animal. Utilização dos animais pela humanidade. O estatuto dos animais na Idade Média. Descartes e os animais. O problema da consciência animal – a posição de Descartes. Estudo do caso “Transplante de Órgãos Animais”.

# ÉTICA ANIMAL

## Relações Homem / Animais

Animais



## ÉTICA E ANIMAIS

**Idade Média** - Os animais são entidades jurídicas; ocorrem julgamentos de animais. Os animais são criaturas de Deus, flagelos de Deus ou obra do Demónio. A Natureza tem uma alma (animismo escolástico/vitalismo aristotélico). Predominam os princípios alquímicos.



## JULGAMENTOS DE ANIMAIS

**1389-1457** — Surge, nos arredores da cidade de Coire, uma vaga de larvas de cabeça negra e corpo branco, bem conhecidas dos agricultores por, no início do Inverno penetrarem na terra e atacarem as raízes das plantas, causando a sua morte na Primavera seguinte. Os habitantes citaram as larvas perante o tribunal provincial, através de 3 editais consecutivos. Concederam-lhes advogado e um procurador, segundo todas as formalidades da justiça. O juiz, considerando que as larvas eram criaturas de Deus, determinou que tinham direito à vida e que seria injusto privá-las de meios de subsistência, devendo ser relegadas para uma região remota onde não devastassem as culturas. Assim se fez.

**1451** – Num processo contra as sanguessugas do lago de Berna, o bispo de Lausana determinou que fossem capturados alguns animais de modo a serem fisicamente postos em presença do tribunal. Intimou as presentes e as ausentes a, num prazo de 3 dias, abandonarem as águas que infestavam. Para provar a seriedade da intimação, sanguessugas sorteadas foram imediatamente executadas após a advertência. O bispo, contudo, não foi obedecido, tendo-se dirigido pessoalmente ao local para fulminá-las com o seguinte anátema: “Em nome de Deus Todo-Poderoso, de toda a corte celestial, da Santa Igreja Divina, eu vos amaldiçoo, onde quer que estejais, e sereis malditas, vós e as vossas descendentes, até desapareceres de todos os lugares”.

**1545** — Processo contra uma colónia de gorgulhos, intentado pelos habitantes de uma aldeia francesa junto do juiz episcopal. Os gorgulhos tinham invadido os vinhedos e causado grandes prejuízos. Os animais, defendidos por um advogado nomeado pelo próprio juiz episcopal, ganham a acção: este, considerando que os artrópodes têm o mesmo direito que o Homem de alimentar-se dos vegetais, recusa-se a excomungá-los. Limita-se a receitar um número de preces públicas e outros tipos de penitências. Entretanto, a praga havia desaparecido e o caso fica resolvido.

**1587** — Passados 42 anos, reaparece a praga de gorgulho nas vinhas da aldeia, e é intentada uma nova acção. Após 3 meses de trabalhos jurídicos, os camponeses, ao verem-se na iminência de uma nova derrota, tentam chegar a um acordo: oferecem, em troca do abandono dos vinhedos, um terreno alternativo para residência dos gorgulhos, com árvores, arbustos e pastagens. Para dar provas da sua boa fé, propõem a assinatura de um contrato, com todas as condições definidas. O advogado de defesa dos gorgulhos, porém, após várias peritagens independentes ao local, recusou a proposta, por considerar o terreno demasiado estéril. Desconhece-se o resultado final do processo.

A sentença podia variar consoante os animais fossem considerados:

- Criaturas de Deus;
- Flagelo enviado aos Homens em castigo dos seus pecados;
- Instrumento do Demónio.

Nos dois primeiros casos, o tribunal contentava-se com penitências e devoções antes de indemnizar os animais, a quem se pedia, eventualmente, que se deslocassem de um local para outro. No último caso, os animais eram excomungados ou, pelo menos, amaldiçoados. Estes casos, para nós estranhos, afiguravam-se sensatos à luz de uma concepção pré-Cartesiana da Natureza, muito diferente daquela que actualmente concebemos: o mundo natural era então considerado animado, possuidor de uma alma, e portanto de alguma forma “consciente” da noção de mal e de bem. Justificavam-se, assim, os processos jurídicos.

**Renascimento** - Cartesianismo: os animais são entendidos como máquinas, não merecem consideração moral nem estatuto jurídico.

Kant: subscreve a visão cartesiana, mas condena a crueldade contra os animais, pois esta avilta quem a pratica.

Segundo estes filósofos, é a liberdade (a capacidade de livre arbítrio) que confere estatuto moral a uma entidade (Rousseau).

## *Os Animais têm Consciência?*

### *- a visão mecanística de Descartes*

A visão cartesiana dos animais nega-lhes a posse de consciência. Descartes não nega que os animais possuam vida, nem que tenham sensações (medo, fúria, etc.). Nega, sim, que sejam capazes de ter pensamentos sobre as sensações. Considera 3 graus de sensações:

grau 1: resposta dos órgãos sensoriais ao meio (fotoestimulação, estimulação nervosa, etc.);

grau 2: constatação imediata em resposta a um estímulo (dor, sede, frio, etc.);

grau 3: apreciação dos estímulos sensoriais (que mau ter sede, que bom estar calor, etc..).

Descartes reconhece aos animais sensações de grau 1, que exigem apenas órgãos sensoriais, e nega-lhes as de grau 2 e 3, que exigem interacção desses órgãos com uma mente. Nega-lhes, assim, a posse de consciência.

Descartes tinha muitos opositores desta visão, e esteve envolto em várias polémicas. Defendeu-se com base nos seguintes argumentos:

- O facto do senso comum atribuir consciência aos animais nada nos diz sobre a realidade: o senso comum muitas vezes está errado; Pelo contrário, a atribuição de consciência aos animais trata-se de um preconceito; Além disso, a hipótese mecanística satisfaz o Princípio da Parcimónia (navalha de Occam): se é possível explicar o comportamento animal com um único pressuposto (o de que são máquinas vivas complexas), deve-se evitar o segundo pressuposto (o de que possuem consciência).
- A faculdade da consciência é muito importante para definir o relacionamento ético que devemos ter para com os animais. Por isso, tem ocorrido um intenso esforço de contra-argumentação à hipótese mecanística de Descartes.



## Transplante de Órgãos Animais

Os gatos ocasionalmente requerem transplantes renais para sobreviver. Actualmente, os donos de gatos domésticos que necessitam de um rim têm que procurar um gato dador. Muitas vezes tratam-se de gatos abandonados e, se não for encontrada uma casa de adopção para o dador, este pode acabar por ser sacrificado. Os gatos receptores são sujeitos a quimioterapia para evitar a rejeição do rim.

## Discussão

- a) Qual é a sua reacção ética inicial a este programa de transplantações? no computo geral, é positivo ou negativo?
- b) Que factos suportam a sua posição?
- c) Há argumentos viáveis contra a sua posição? Quais?
- d) Que alterações introduziria neste programa de transplantes de modo a torná-lo eticamente mais positivo?

Constituem 5 grupos. Cada grupo interpretará um dos seguintes papéis:

- Um veterinário que quer proceder ao transplante;
- O dono de um gato doente que lhe quer salvar a vida;
- Um activista dos direitos dos animais que se opõe ao sacrifício de um gato saudável para salvar um doente;
- Um empregado do gatil municipal, que prefere fornecer um gato para a doação a ter que abatê-lo;
- Um ex-proprietário que perdeu o seu gato, e receia que, com este procedimento, ele possa também acabar como dador involuntário.

De acordo com a identidade que assumiu:

- Quais são as suas preocupações?
- Quais são os seus interesses afectados por um ou mais factos deste caso?
- Que atitude pensa assumir nestas circunstâncias?

## *Checklist* de Conhecimentos e Competências a Adquirir:

- Conhecer o estatuto dos animais na Idade Média;
- Compreender o impacto do Cartesianismo na ética animal.

# Sumário

Introdução à ética animal. Utilização dos animais pela humanidade. O estatuto dos animais na Idade Média. Descartes e os animais. O problema da consciência animal – a posição de Descartes. Estudo do caso “Transplante de Órgãos Animais”.

## BIBLIOGRAFIA DA AULA

### *Nuclear*

**Ferry, L.** (1993). *A nova ordem ecológica*. Edições Asa, Lisboa (edição original em 1992).